

O tocador de sinos

John Land Carth
07 de outubro de 2010

Numa cidade antiga, rica de todas as belezas e recursos, havia uma enorme muralha que a cercava, protegendo seus cidadãos das invasões constantes que naquele tempo havia. Essa cidade, como tantas outras, era vigiada por salteadores que pensavam sempre em maneiras diversas de evadi-la e roubá-la.

Para proteger também havia os soldados, homens fortes e bem treinados que cuidavam apenas de pensar na segurança daquele povo. Assim, cotidianamente se davam aos exercícios e simulações de batalhas.

Vários eram os cidadãos que almejavam pertencer a uma das guardas. O jovem Kroe era um desses, mas para ele havia um grande impedimento, era baixo e franzino, de forma que era motivo de zombaria dos outros jovens mais altos e robustos. Mas Kroe não se intimidava e ano após ano se submetia aos testes para conseguir entrar na carreira militar e finalmente poder realizar o sonho de proteger sua adorada cidade com seus muitos tesouros. Infelizmente, não havia acolhida para Kroe entre os guerreiros, dos mais graduados aos mais novatos, todos riam-se da presença do rapaz.

Por fim, a sorte do jovem mudou, um general que organizava novas estratégias de defesa, já angustiado de ver todos os anos as fracassadas tentativas do candidato, alistou-o.

Lógico que sua atitude ao dar oportunidade ao franzino fora alvo de zombarias, gracejos e críticas severas, tratava-se de uma afronta, afinal, sendo considerado menos capaz que os outros, não ficava bem que houvesse na companhia um soldado tão fora dos padrões. Mas o general não deu ouvido e decidiu manter a decisão de incluir aquele cidadão diferente no seu grupo.

Houve protestos gerais e uma junta decidiu que ele não poderia ir para o campo de batalha. Desolado, o jovem Kroe viu que o general concordara com isso e perguntou ao seu benfeitor:

___ Se o senhor me alistou, como não poderá me deixar lutar? Que serventia terei eu na companhia?

O general, impávido e convicto estabeleceu:

___ Ficarás com a grande missão de tocador de sinos.

Vencido, Kroe identificou que aquilo não era função para um soldado, não exigia treinamentos físicos, não pegaria na espada, não se defrontaria com o inimigo, não morreria ou mataria ninguém pela sua pátria e concluiu que era uma humilhação. Todavia, era aquilo ou a dispensa, então, pesando desejos e conquistas, decidiu permanecer e aceitou a missão silenciosamente.

Ao ser levado à torre pessoalmente pelo general, ouviu deste com a maior seriedade qual era sua função:

___ Todas as noites, sem faltar por qualquer motivo, deverás velar nessa torre, daqui avistarás todos os horizontes, ao menor sinal de aproximação de estranhos e soldados inimigos, antes que cheguem, deverás tocar os sinos. Podes cumprir essa missão?

___ Sim, não é nada demais.

___ Parece que não. Veja, você é o único tocador de sinos que temos e serás bem recompensado por isso.

Assim, Kroe aceitou e naquela mesma noite iniciou sua tarefa. Noite após noite velou. Dormia de dia para manter-se acordado à noite. Porém, continuava sendo o alvo das zombarias por sua função de tocador de sinos.

Da torre via os soldados que rompiam para batalhas, voltando sempre carregados de vitórias, histórias, tesouros e glórias, ele próprio nunca tivera se quer a chance de tocar os sinos. Enquanto os demais viviam com familiares, descansavam, ele dormia e quando todos dormiam ele, sozinho mantinha-se acordado.

Um dia houve muita comemoração, todos beberam e festejaram e foram descansar. Diziam: ___ Nós, bravos guerreiros, homens fortes de luta, merecemos o descanso, os imprestáveis que fiquem a vigiar sinos...Riam-se.

Mas, naquela noite centenas de salteadores esperavam o descanso, o apagar das luzes para invadir a cidade e as altas horas da noite começaram a se esgueirar pelos morros. Na torre, Kroe já acostumado que estava de não ter nenhuma ocorrência e saturado das zombarias pensava: ___ Estão certos, sou mesmo imprestável, tanto insisti que recebi a mais ingrata das missões.

Então, decidiu que no dia seguinte pediria dispensa da companhia e voltaria à vida civil comum. Kroe tinha um senso muito raro de cumprir o que prometia e pensando na confiança que o general lhe depositara, resolveu cumprir aquela noite com esmero, afinal se despediria do posto que meses a fio zelassem, poliu cada um dos sinos despedindo-se dos únicos amigos que tivera.

Quando estava no último dos grandes sinos, percebeu vultos que se moviam nas linhas dos horizontes, confirmou que não eram poucos e que muitos já subiam as muralhas com cordas e escadas, rapidamente, como desesperado e com muito medo, agitou os sinos o mais forte que pôde, correndo de um a outro sem parar para respirar até que suas mãos sangrassem nos puxões das grossas cordas.

O tilintar dos sinos tomou conta da cidade, desperto, imediatamente o general se pos de pé e armado acionou os seus coroneis, sargentos e soldados a tempo de receber os salteadores que já pulavam para dentro da cidade.

Foi grande a batalha, o bater de espadas, os gritos e foi grande o morticínio de salteadores e soldados, mas a cidade venceu e foi salva. Kroe havia alertado a cidade em tempo.

Ao terminar os confrontos, retornando a paz, Kroe foi chamado ao meio da praça, receberia uma condecoração. Todos os fortes soldados remanescentes baixaram a cabeça para ouvir o general:

___ Queridos amigos, soldados, concidadãos, hoje condecoramos nosso mais novo herói. Ele não porta espada, não feriu um só invasor, não tem treinamento físico, mas tem coragem, determinação e palavra, por isso mesmo salvou a todos nós. A partir de hoje que todos saibam podemos ter mil soldados fortemente armados, mas sempre precisaremos daqueles que tocam os sinos para nos despertar, sem estes, não acordamos, não lutamos e não mudamos nossa postura em tempo de garantir o bem de todos.

Assim, a partir daquele dia, não houve mais zombarias, todos sabiam que é necessário ter soldados, mas é fundamental ter quem possa tocar os sinos.